



**Como os rótulos afetam a percepção de gênero
em Cumbe¹⁴**

How labels affect gender perception in Cumbe

*Cómo las etiquetas afectan la percepción de género en
Cumbe*

Stephany Justine Ganga¹⁵

¹⁴ Recebido em 27/03/2021, versão aprovada em 27/04/2021.

¹⁵Graduanda em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de São Paulo. LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/3398354592559198>. E-mail: stephanyjustine@gmail.com.

RESUMO

Este estudo tem como proposta observar as instabilidades na percepção do gênero discursivo das histórias em quadrinhos em formato de livro, analisando o premiado “Cumbe”, do quadrinista e ilustrador brasileiro Marcelo D’Salete. Para a análise, será adotada a edição publicada pela editora Veneta de 2018. Partindo da constatação que existe uma pluralidade de rótulos utilizados para nomear o objeto de estudo em questão. Constatamos que essa diversidade de rótulos é consequência de uma imprecisão da forma como o gênero é percebido pelo público leitor. A pesquisa adotou como a observação dos paratextos da publicação e de matérias sobre as histórias em quadrinhos veiculadas à mídias digitais. Utilizando Maingueneau (2009) e Bakhtin (2000) para abordar a questão dos gêneros e dos rótulos. Também foram trabalhos os rótulos “novela gráfica”, “romance gráfico” e “graphic novel” presentes em livros de quadrinhos publicados, utilizando os trabalhos de García (2012), Ramos e Figueira (2014), utilizando a perspectiva de Genette (2009) acerca dos paratextos editoriais.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos. Cumbe: obra literária. Gênero discursivo.

ABSTRACT

This study aims to observe the instabilities in the perception of the discursive genre of comic books in book format, analyzing the award winning “Cumbe”, by Brazilian comic artist and illustrator Marcelo D’Salete. For the analysis, the edition published by the publisher Veneta of 2018 will be adopted. Based on the observation that there is a plurality of labels used to name the object of study in question. We found that this diversity of labels is a consequence of an imprecision in the way the genre is perceived by the reading public. The research adopted as the observation of the paratexts of the publication and of articles about the comics transmitted to the digital media. Using Maingueneau (2009) and Bakhtin (2000) to address the issue of genres and labels. The labels “graphic novel”, “graphic novel” and “graphic novel” present in published comic books were also used, using the works of García (2012), Ramos and Figueira (2014), using the perspective of Genette (2009) about editorial paratexts.

KEYWORDS: Comics. Cumbe: literary work. Discursive genre.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo observar las inestabilidades en la percepción del género discursivo de los cómics en formato libro, analizando el premiado “Cumbe”, del dibujante e ilustrador brasileño Marcelo D’Salete. Para el análisis se adoptará la edición publicada por la editorial Veneta de 2018. En base a la observación de que existe una pluralidad de etiquetas utilizadas para nombrar el objeto de estudio en cuestión. Encontramos que esta diversidad de etiquetas es consecuencia de una imprecisión en la forma en que el público lector percibe el género. La investigación adoptada como observación de los paratextos de la publicación y de los artículos sobre los cómics transmitidos a los medios digitales. Utilizando Maingueneau (2009) y Bakhtin (2000) para abordar el tema de géneros y etiquetas. También se incluyeron las etiquetas “novela gráfica”, “novela gráfica” y “novela gráfica” presentes en los cómics publicados, utilizando los trabajos de García (2012), Ramos y Figueira (2014), utilizando la perspectiva de Genette (2009) sobre paratextos editoriales.

PALABRAS CLAVE: Cómics. Cumbe: obra literaria. Género discursivo.

1 INTRODUÇÃO

Os gêneros das histórias em quadrinhos, até meados da virada do último século, não haviam recebido muitos estudos teóricos do ponto de vista linguístico-discursivo (RAMOS, 2012). Esse adiamento de novos olhares sobre esse objeto de estudo pode ser creditado, por um lado, a uma resistência por parte do ensino e da academia e, por outro, a uma imprecisão sobre onde exatamente os quadrinhos se encaixariam no escopo das Letras – há parcela de pesquisas, por exemplo, que os enquadram no campo literário.

Importante ressaltar que esta última aproximação teve início, segundo Gonçalo Júnior (2004), na década de 1940 nos Estados Unidos, com a publicação de *Classics Illustrated* e *Classic Comics*, e, oito anos depois, também no Brasil, com a Editora Brasil-América Ltda. (EBAL). Seguindo as versões norte-americanas, lançou Edição Maravilhosa, que trazia clássicos da literatura mundial, adaptados em quadrinhos. Outras publicações, como *Álbum Gigante* também da EBAL e *Romance em Quadrinhos* da Rio Gráfica e Editora, surgiram com o mesmo objetivo, aproximar os quadrinhos da literatura, de modo a diminuir a resistência, por parte dos pais, da escola e da Igreja, em relação aos quadrinhos.

Segundo Ramos e Figueira (2014), a aproximação dos dois campos é fruto de uma tentativa de dar aos quadrinhos um status social maior e mais qualitativo, quando vinculado ao valor literário. E também consequência da recente publicação dessa forma de narrativa em formato livro, ocupando um espaço de circulação caro à literatura: as estantes das livrarias. Mesmo com esses pontos de contato, autores como Ramos (2012) tendem a trabalhar os dois campos, o quadrinhístico e o literário, como distintos. Será também, o caminho adotado neste estudo.

O objetivo desta pesquisa é a análise das instabilidades na percepção de gênero de obras em quadrinhos produzidas em formato livro, utilizando Cumbe, do desenhista brasileiro Marcelo D'Saete, como objeto do estudo. A análise será feita através de leituras teóricas, em particular do escopo discursivo da linguística, de autores que trabalharam especificamente a questão dos quadrinhos publicados em formato livro e de análises, tanto dos paratextos, localizados na obra, quanto de matérias de jornais e portais on-line, investigando como a publicação foi referenciada. Optamos pela utilização de jornais e portais on-line pela pluralidade de resultados que poderíamos obter, tanto de veículos de comunicação grandes, como O Globo e O Estado de S. Paulo, como a visão do público leitor através de blogs e sites.

O estudo se justifica pela importância de se compreender a instabilidade na

percepção de gênero de obras em quadrinhos produzidas em formato livro, além de entender como esta instabilidade pode alterar a percepção e a recepção por parte do leitor. A escolha de *Cumbe* se justifica por ser uma história em quadrinhos de um autor nacional que teve bastante repercussão tanto dentro quanto fora do país (o que pode ser medido pelas premiações nacionais e internacionais que conquistou), compondo, no nosso entendimento, um objeto relevante para estudo de caso.

Será utilizada na pesquisa a edição de *Cumbe* publicada pela editora Veneta, em 2018. A fundamentação teórica é composta por García (2012) e Ramos e Figueira (2014), para trabalhar os rótulos “novela gráfica”, “romance gráfico” e “graphic novel” utilizados a quadrinhos publicados em formato livro, por Maingueneau (2009) e Bakhtin (2000) para abordar a questão dos gêneros e dos rótulos a ele utilizados e por Genette (2009) para trabalhar com os paratextos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tomaremos os quadrinhos como um hipergênero, conceito utilizado por Maingueneau (2009) e, que segundo Ramos (2012, p. 20), “agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. No caso dos quadrinhos, todos compartilhariam aspectos comuns, como a tendência a serem narrativos, com uso de códigos próprios (caso do balão, das onomatopeias, dos quadros, entre outros). Mas comporiam uma gama de gêneros autônomos e distintos uns dos outros.

A questão seria identificar a qual gênero específico determinada produção dialogaria de forma mais próxima. É nesse processo que muitas encontram uma imprecisão na hora de serem nomeadas – ou rotuladas, termo cunhado por Maingueneau (2009). Seriam casos concretos da estabilidade relativa proposta por Bakhtin (2000) ao definir os gêneros – para o autor russo, eles seriam tipos construídos a partir de uma estabilidade relativa.

Cumbe, do brasileiro Marcelo D’Saete, seria, por essa abordagem, um trabalho pertencente ao hipergênero quadrinhos e que traz instabilidades em sua rotulação. A premiada obra, através de quatro histórias protagonizadas por escravos, retrata a luta dos negros contra a violência e sua busca pela liberdade, durante a escravidão no Brasil colonial.

Publicado, inicialmente, via Programa de Ação Cultural (ProAC) do Estado de São Paulo em 2013, também recebeu edições em Portugal (onde foi selecionado para leitura em escolas), Estados Unidos, França, Itália e Áustria, além de ser vencedor do Prêmio Eisner, o

principal da área de histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, em 2018 (categoria Melhor Edição Americana de Material Estrangeiro) e de ter sido indicado ao Rudolph Dirks Award 2017, na Alemanha, e Marcelo D'Saete ter vencido o HQMIX 2018 (categorias Desenhista Nacional, Destaque Internacional, Roteirista Nacional e *Angola Janga*, outra obra do desenhista, venceu a categoria Edição Especial Nacional).

Em uma primeira abordagem, trata-se de uma história em quadrinhos publicada no suporte livro. Em sua ficha catalográfica, a primeira rotulação é “literatura brasileira”, seguida por “novela gráfica”. Contudo, também podemos analisar a obra pelo seu aspecto histórico. Previamente à produção, o autor realizou uma pesquisa sobre a escravidão no Brasil colonial e as formas de existência e resistência negra nesse período. Mais informações sobre o processo de pesquisa e de produção são encontradas no glossário e em um texto intitulado “Sobre histórias e levantes”, ao final do livro. Tanto o glossário quanto o texto, de acordo com Genette (2009), são considerados paratextos.

Segundo Brito (2018), Genette classifica as relações textuais em 5 tipos: Intertextualidade; Hipertextualidade; Metatextualidade; Arquitextualidade e Paratextualidade. Nosso interesse neste trabalho é o último tipo, que trata da relação do texto principal com os outros textos que o acompanham ou que o cercam e que “esta seria a relação menos explícita e mais distante do texto como um todo” (BRITO, 2018, p. 63), de modo a gerar dúvidas se eles devem ou não serem considerados como parte da obra.

No tocante aos paratextos, Genette (2009) afirma que podem ser classificados em dois tipos, dependendo da sua localização: peritexto e epitexto. O primeiro são os elementos que estão localizados dentro da obra, como título, capa, prefácios, ficha catalográfica, etc. Na segunda categoria são elementos encontrados fora da obra, ou seja, que não estão anexados com o volume. Estes se dividem em epitextos públicos, que são aqueles dirigidos ao leitor, normalmente por meio de um intermediário, como entrevistas, *releases* e respostas públicas; e epitextos privados, que inicialmente se dirige à um confidente, como correspondências e diários íntimos. Nesta pesquisa, trabalhamos com peritextos e epitextos públicos.

Ainda segundo Genette (2009, p. 9), os paratextos são todos os elementos que acompanham o texto principal, de modo a dar informações complementares sobre a obra, discuti-la ou até mesmo criticá-la. As informações paratextuais procuram vincular o trabalho a diferentes campos, com particular atenção ao literário (“literatura brasileira”; “novela gráfica”). Mas se trata de uma história em quadrinhos e, por consequência, ao menos em tese, vinculada

a esse campo específico das artes. Esse prisma plural apresentado no entorno da obra mais nubla do que ajuda o leitor no processo de percepção genérica do trabalho apresentado.

García (2012, p. 253) contextualiza o surgimento das chamadas “novelas gráficas” ao utilizar uma citação de Clowes, que dizia que o formato *comic book* tornou-se antiquado e, portanto, os quadrinistas passaram a buscar outros formatos para suas histórias.

Eddie Campbell (apud GARCÍA, 2012) afirma que o termo “*graphic novel*” (traduzido como “novela gráfica” por García) não é o mais adequado, porém é o mais conveniente, com a ressalva de que não podemos analisá-lo como um híbrido dos conceitos “novela” e “gráfica” nos seus significados originais. Para Campbell, “novela gráfica” é mais um movimento do que uma forma. Já para Ramos e Figueira (2014), *graphic novel* é um rótulo usado editorialmente, em determinadas obras em quadrinhos, para atribuir a elas um valor social e comercialmente aceito.

Em relação à definição de gênero, Maingueneau (2009, p. 229) afirma que a Análise do Discurso e suas correntes pragmáticas têm como foco o gênero, pois “deve-se remeter as obras não apenas a temas e mentalidades, mas também ao surgimento de modalidades específicas de comunicação”. Logo, se “toda enunciação constitui certo tipo de ação sobre o mundo [...], os gêneros literários não poderiam ser considerados “procedimentos” que o autor utilizaria como desejasse” (MAINGUENEAU, 2009, p. 229).

Para o autor, os gêneros dividem-se em “gêneros conversacionais” e “gêneros instituídos”. Os primeiros não possuem uma ligação estreita com os lugares institucionais, seus temas e sua composição são instáveis. Trataremos neste estudo do segundo, que reúne gêneros que podem ser chamados de “gêneros rotineiros”, em que não importa quem os inventou, nem quando e nem onde, e “gêneros autorais”, cujo “caráter autoral manifesta-se por meio de uma indicação paratextual, no título ou subtítulo” (MAINGUENEAU, 2009, p. 238).

Os gêneros instituídos são divididos em quatro tipos. Os do tipo 1 são os gêneros que não admitem ou admitem apenas poucas variações. Os de tipo 2 são caracterizados pelos interlocutores produzirem textos individualizados, mas que estão sujeitos a certas normas. Os de tipo 3 não possuem “uma cenografia especial”, mas incitam a inovação. Nos interessa os do tipo 4, por terem uma relação problemática com a noção de “gênero” e por se utilizarem de determinados termos que afetam significativamente a recepção do objeto.

Maingueneau (2009, p. 242) afirma que os gêneros instituídos de tipo 4 são aqueles “cuja cena genérica caracteriza-se por uma incompletude constitutiva”, portanto cabe ao “autor plenamente individualizado [...] autocategorizar sua produção verbal”. O autor complementa

afirmando que as denominações contribuem de modo decisivo para determinar a maneira como o título deve ser recebido, de modo que a denominação utilizada não pode, simplesmente, ser substituída por outra, pois não se trata de uma simples etiqueta.

3 METODOLOGIA

Para a realização da análise das matérias de jornais e portais on-line sobre a obra *Cumbe*, optamos por selecionar e coletar o material em um mesmo dia (01/03/2020), uma vez que, por se tratar do ambiente virtual, não havia garantias de que a coleta em dias separados fornecesse o mesmo resultado.

Para o levantamento, foi utilizado apenas o título da obra, seguido do nome do autor “Cumbe Marcelo D’Salete”, de modo que a pesquisa não fosse influenciada por rótulos como “HQs”, “Quadrinhos”, “Literatura” e/ou “Livro”. Como a obra foi publicada em outros países, focamos nas páginas brasileiras, analisando a rotulação no Brasil, sem a influência dos rótulos externos.

Optamos por fazer a busca através do *Google*, por se tratar do buscador mais utilizado para a realização de pesquisas na internet, como também, por funcionar como uma espécie de reflexo sobre a rotulação da obra, uma vez que traz uma pluralidade de resultados, tanto de veículos de imprensa grandes como de sites e blogs menos conhecidos.

Após digitar “Cumbe Marcelo D’Salete” no *Google*, abrimos abas novas para cada resultado que surgiu na tela. Olhamos até a página 6 do buscador, uma vez que, após esta página, os resultados que predominavam eram sites de vendas do livro. Cada página do *Google* trazia 10 resultados, portanto, foram obtidos 60.

Deste total, 36 se relacionavam com a obra; 23 não possuíam relação, ou seja, a obra era apenas citada, e em 1 não foi possível avaliar, uma vez que a página não estava no ar. Dos 36 resultados que possuíam relação com *Cumbe*, após uma análise um pouco mais detalhada sobre o conteúdo, ficamos com 20 resultados válidos formando, assim, o corpus desta pesquisa.

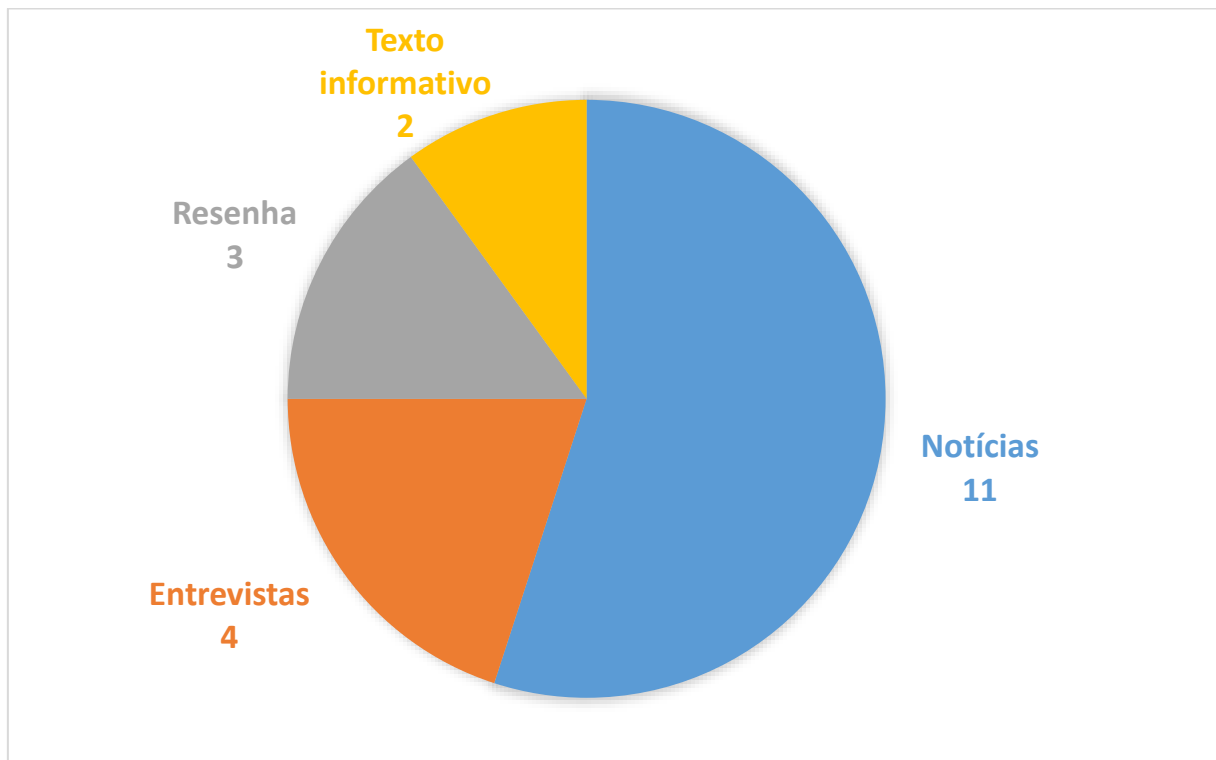
3.1 Descrição dos dados

A análise será dividida em 5 tópicos: local de publicação da matéria; tipo de texto; ano de publicação; rótulo da obra (ou seja, rotulação utilizada no título, linha fina e no chapéu); e rótulo da obra no corpo do texto. Optamos por separar as duas últimas categorias, de modo a perceber mais claramente as instabilidades na rotulação da obra, uma vez que, em um mesmo texto, *Cumbe* recebia mais de uma rotulação.

Na primeira categoria, pudemos avaliar que 12 eram de sites de notícias; 6 que foram denominados “Outros” (como sites literários e sites de cultura em geral) e 2 blogs.

Em relação aos tipos de textos (Gráfico 1), 11 são notícias; 4 entrevistas; 3 resenhas; e 2 textos informativos. Acreditamos que as notícias apareceram em maior número por se tratar predominantemente das indicações e premiações que a obra venceu. As entrevistas aparecem em segundo lugar, em decorrência de uma maior visibilidade de Marcelo D’Saete ter sido indicado às premiações. Mesmo com as indicações e premiações, apenas 3 resultados foram de resenhas da obra e 2 textos informativos, ou seja, apenas sinopses.

Gráfico 1 – Tipologias textuais.



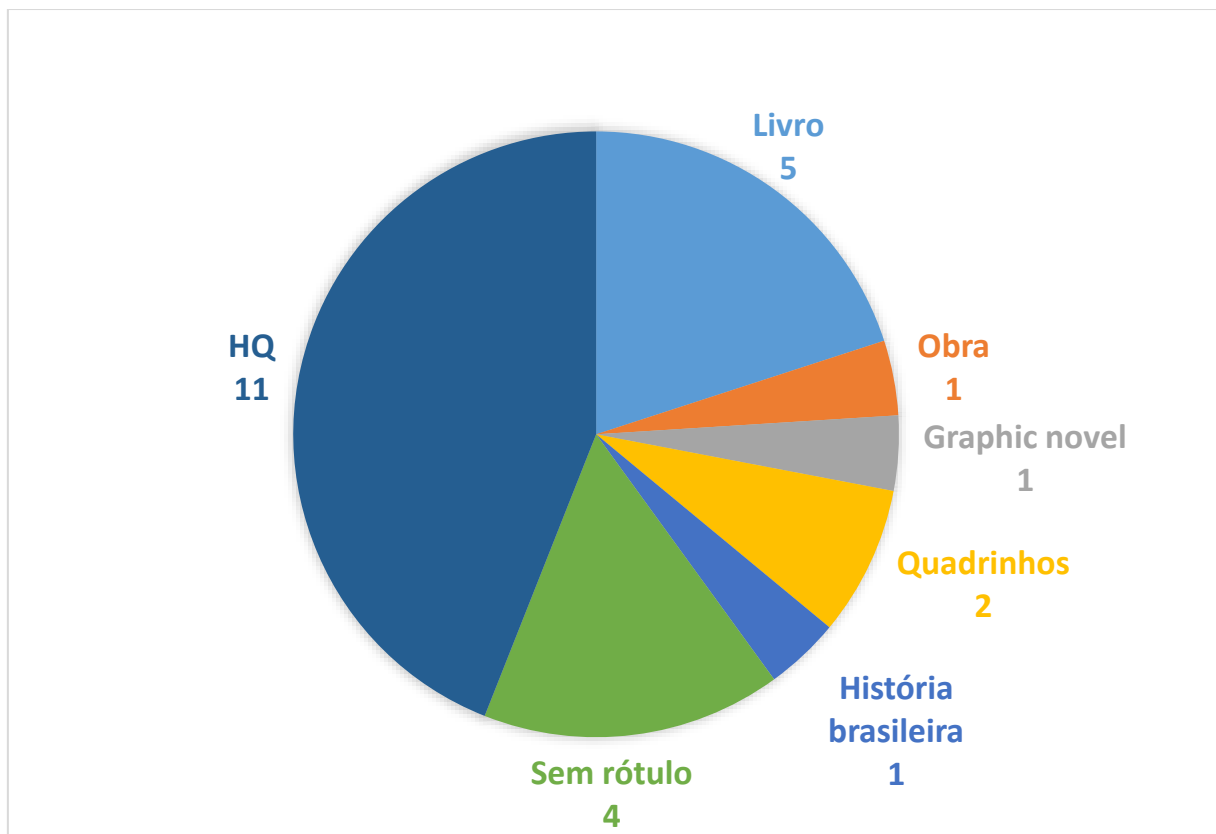
Fonte: Elaborado por Stephany Justine Ganga (2021).

A terceira categoria é o ano de publicação dos textos. Constando 16 que são de 2018, quando *Cumbe* venceu o prêmio Eisner na categoria Melhor Edição Americana de

Material Estrangeiro; 2 são de 2014, ano de publicação da obra pela editora Veneta; 1 é de 2015, e 1 de 2019, sendo ambas resenhas.

A quarta categoria é a rotulação da obra (Gráfico 2). Foram consideradas as denominações que apareceram no título, na linha fina (pequena linha de texto usada logo abaixo ou sobre o título para destacar as principais informações da matéria, funcionando como um subtítulo) e houve um caso de chapéu (uma ou duas palavras usadas para identificar o assunto da matéria, sendo utilizado sobre o título do texto). Nos 20 resultados válidos, 11 rotularam como HQ; 5 como livro; 4 sem rótulo, ou seja, apenas *Cumbe*; 2 como quadrinhos; 1 como Graphic novel, e 1 como história brasileira (único caso de chapéu).

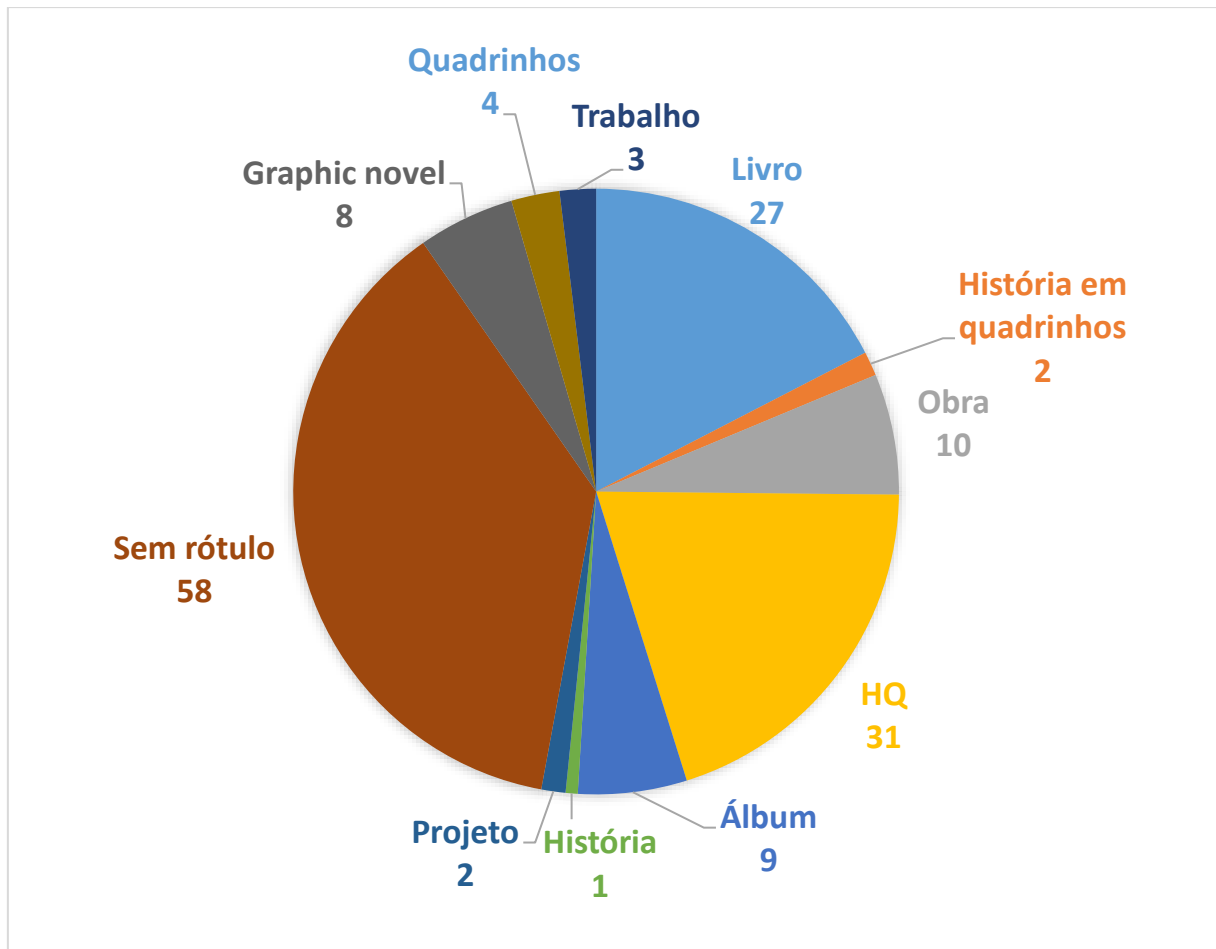
Gráfico 2 – Rotulação da obra.



Fonte: Elaborado por Stephany Justine Ganga (2021).

Já na última categoria, rotulação da obra no corpo do texto (Gráfico 3), os resultados apontam que em 58 vezes, a obra não recebeu nenhuma rotulação, ou seja, foi utilizado apenas o título *Cumbe*, 31 vezes foi rotulada como HQ, 27 como Livro, 10 como Obra, 9 como Álbum, 8 como Graphic Novel, 4 como Quadrinho, 3 como Trabalho, 2 como Projeto, 2 como Histórias em Quadrinhos, e 1 como História.

Gráfico 3 – Rotulação da obra no corpo do texto.



Fonte: Elaborado por Stephany Justine Ganga (2021).

Em relação à maior quantidade ter sido sem rotulação no corpo do texto, acreditamos que seja porque houve uma rotulação inicial (título, linha fina e/ou no começo do texto) e, portanto, não haveria a necessidade de continuar repetindo a mesma rotulação; além disso, dois dos sites são especializados em histórias em quadrinhos (Universo HQ e Terra Zero), logo, não haveria a necessidade de rotulação pelo fato de o público leitor já ser familiarizado com essa forma de produção.

O segundo resultado era esperado por ser natural identificar, inicialmente, a obra como HQ, como Quadrinho (7º resultado), e/ou como Histórias em Quadrinhos (10º resultado). Acreditamos que só houve duas aparições de “Histórias em Quadrinhos”, porque o termo “HQ” já está consolidado e também por se tratar do ambiente virtual associado ao público para o qual os textos se dirigem, ou seja, o público leitor de histórias em quadrinhos já está habituado e utiliza com mais frequência os termos “HQ” e “Quadrinhos”.

“Livro” aparece na terceira posição, indicando uma confusão entre gênero e suporte. Em seguida, temos “Obra”, indicando uma valorização e importância do quadrinho,

seja em relação ao prêmio e às indicações, ou dizendo que *Cumbe* é leitura obrigatória. A rotulação “Álbum”, que aparece na quinta posição, se revelou como um resultado inesperado, pois esta rotulação é, normalmente, utilizada para obras europeias. Já “*Graphic Novel*” é utilizada em 5 resultados, sendo repetida 8 vezes, uma delas no título. Em 3 resultados, o termo aparece associado à indicação e a premiação do Eisner. Nos outros 2 resultados aparece como um rótulo editorial, de modo a atribuir um valor social e editorial à obra.

Em oitavo lugar, temos “Trabalho”, termo utilizado para dar mais peso a obra, indicando a importância de sua relação com nossa história. Já o uso da rotulação “Projeto”, sugere um trabalho mais amplo que ainda está sendo desenvolvido. De acordo com a revista O Grito!, *Cumbe* faz parte de um “projeto mais arrojado, de compreensão histórica desse período do Brasil”. No caso de “História”, o termo é utilizado para sintetizar *Cumbe*, como se fosse uma história única que “retrata a resistência dos negros no Brasil colonial contra a violência da escravidão.” (UNIVERSO HQ, 2018).

4 RESULTADOS OBTIDOS

Com base nas análises dos peritextos, mais especificamente da ficha catalográfica, e dos epitextos públicos, ou seja, das matérias, pudemos observar que a hipótese inicial se confirmou. Partimos da premissa de que existe uma pluralidade de rótulos, utilizados para nomear o objeto de estudo em questão, ou seja, as “Histórias em Quadrinhos” publicadas em formato livro, e a hipótese é que essa diversidade fosse consequência de uma imprecisão da forma como o gênero é percebido junto ao público.

A editora Veneta coloca como primeiras rotulações “literatura brasileira” e “novela gráfica” possivelmente para aproximar a obra de requisitos e de status exigidos pelas escolas e pelos programas do governo, como o PNLD. Contudo, percebemos que, para o público, a obra é muito mais recebida como HQ, ou seja, como o hipergênero ao qual ela pertence.

Analisando os dados obtidos na categoria ano de publicação das matérias, observamos que a maioria dos resultados apontam para matérias publicadas em 2018, ano em que *Cumbe* foi vencedor do Prêmio Eisner e também do HQMIX. Logo, podemos concluir que os números apontam que o interesse pela obra foi motivado pelos prêmios recebidos.

Observando os casos nos quais não há rotulação, na maior parte deles, *Cumbe* já havia recebido uma denominação anterior, ou seja, não havia a necessidade de repetir a rotulação informada anteriormente. Outra informação em destaque, nesse ponto da análise, foi

que dois dos sites que não rotularam a obra, são especializados em histórias em quadrinhos, logo, estava implícito o hipergênero da obra e também a rotulação atribuída.

Nas duas últimas categorias de análise, observamos que a rotulação “Livro” aparece com destaque, indicando uma confusão entre gênero e suporte, o que demonstra que há uma imprecisão na forma como o gênero é percebido pelo público.

Os dados da análise das matérias indicam, portanto, alguma familiaridade de *Cumbe* com o hipergênero Histórias em Quadrinhos, mas não podemos desconsiderar a ficha catalográfica com as rotulações “literatura brasileira” e “história do Brasil”, uma vez que essa última apareceu, inclusive, como um chapéu em uma das matérias e que a obra foi selecionada pelo PNLD, em 2018. Uma vez que o suporte influencia a compra de acervo pelas escolas, a confusão entre gênero e suporte pode ser intensificada com a seleção de *Cumbe* para o programa.

Outro ponto relevante da observação dos dados obtidos, são os termos vagos, como: “Obra”, “Trabalho”, “Projeto” e “História” (Gráficos 2 e 3), utilizados para rotular *Cumbe*. Estes termos sinalizam uma falta de familiaridade sobre o conteúdo, uma vez que, poderiam ser utilizados para se referir a uma diversidade de outros conteúdos não relacionados ao *Cumbe* em si e nem ao hipergênero Histórias em Quadrinhos.

A partir das informações obtidas, que constituem o corpus deste estudo, conseguimos entender como as diferentes percepções de gênero podem alterar a identificação e a recepção de uma obra de história em quadrinhos produzida em formato livro. Apesar da editora Veneta aproximar *Cumbe* do campo literário ao utilizar, na ficha catalográfica, “literatura brasileira” como primeira classificação, o público recebe e identifica a obra, com mais frequência, como HQ, ou seja, como o hipergênero ao qual ela pertence. Contudo, não podemos ignorar a relevância dos resultados sem rotulação e o uso de termos mais vagos, que demonstram uma confusão e, também, uma falta de conhecimento sobre o conteúdo no momento de rotular a obra.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-325.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BRITO, Karoline Caetano. **Paratextos Ficcionalis em Watchmen**. 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, SP. Disponível em: https://www.academia.edu/40870820/Paratextos_Ficcionalis_em_Watchmen. Acesso em: 09 jun. 2020.

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2018.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2012.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura dos quadrinhos, 1933-64. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução: Adair Sobral. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego. Graphic novel, narrativa gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Orgs.). **Quadrinhos e literatura**: diálogos possíveis. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2014. p. 185-207.

BATTAGLIA, Rafael. **5 HQs para conhecer Marcelo d'Saete, brasileiro vencedor do prêmio Eisner**. Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/5-hqs-para-conhecer-marcelo-dsaete-brasileiro-vencedor-do-premio-eisner/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CANONICI, Isis. Cumbe, de Marcelo D'Saete, ganha o prêmio Eisner na categoria Melhor edição Americana de material estrangeiro. **Epílogo**. Disponível em: <https://epilogo.art.br/cumbe-marcelo-dsaete-hq/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CODESPOTI, Sérgio. Cumbe, de Marcelo D'Saete, ganhou o Prêmio Eisner. **Universo HQ**. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/cumbe-de-marcelo-dsaete-ganhou-o-premio-eisner/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

D'ANGELO, Helô. Brasileiro é indicado ao 'Oscar dos quadrinhos' com HQ sobre escravidão. **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/cumbe-marcelo-dsaete-premio-eisner/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

DINIZ, Cláudio. Cumbe de Marcelo D'Salete: um Eisner e muitos significados. **Sobre Livros**. Disponível em: <https://www.sobrelivros.com.br/cumbe-de-marcelo-dsalete-um-eisner-e-muitos-significados/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

DOMENICI, Thiago. “Tentei me aproximar da extrema brutalidade com os negros”. **Publica**. Disponível em: <https://apublica.org/2018/08/tentei-me-aproximar-da-extrema-brutalidade-com-os-negros/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

EM HQs premiadas, artista Marcelo D'Salete aborda a escravidão no Brasil. **GaúchaZH**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2018/11/em-hqs-premiadas-artista-marcelo-d-salete-aborda-a-escravidao-no-brasil-cjoionun0e0k01pib4yr41a4.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

FLORO, Paulo. Crítica – HQ: Cumbe, de Marcelo D'Salete. **Revista O Grito**. Disponível em: <https://www.revistaogrito.com/critica-hq-cumbe-de-marcelo-dsalete/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

FOLHAPRESS. HQ do brasileiro Marcelo D'Salete vence o Eisner, maior prêmio de quadrinhos do mundo. **Folha de Pernambuco**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/DIVERSAO/2330-HQ-BRASILEIRO-MARCELO-SALETE-VENCE-EISNER-MAIOR-PREMIO-QUADRINHOS-MUNDO/75650/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GIANNINI, Alessandro. HQ de Marcelo D'Salete sobre escravidão é indicada ao Eisner. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/hq-de-marcelo-dsalete-sobre-escravidao-indicada-ao-eisner-22634208>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GIANNINI, Alessandro. HQ do brasileiro Marcelo D'Salete sobre escravidão ganha o Eisner. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/hq-do-brasileiro-marcelo-dsalete-sobre-escravidao-ganha-eisner-22907815>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GUIMARÃES, Fabiane. HQ 'Cumbe', de Marcelo D'Salete, recebe prêmio Eisner. **Metro Brasília**. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2018/07/30/hq-cumbe-de-marcelo-dsalete-recebe-premio-eisner.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

HQ do brasileiro Marcelo D'Salete vence o Eisner, maior prêmio de quadrinhos do mundo. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/quadrinista-marcelo-dsalete-vence-o-eisner-maior-premio-de-quadrinhos-do-mundo.shtml>. Acesso em: 01 mar. 2020.

IACONIS, Heloísa. Marcelo D'Salete concorre ao Oscar dos quadrinhos. **Itaú Cultural**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/marcelo-d-salete-concorre-ao-oscar-dos-quadrinhos>. Acesso em: 01 mar. 2020.

JESUS, Matheus Gato de. CUMBE: SOL, FOGO E FORÇA. **O Menelick 2º ato**. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/sol-fogo-e-forca>. Acesso em: 01 mar. 2020.

LAPA, Isabela. Cumbe, de Marcelo d'Saete. **Universo dos Leitores**. Disponível em: <http://www.universodosleitores.com/2015/07/cumbe-de-marcelo-dsaete.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MORCELLI, Felipe. [#FLIP] Em exclusiva, Marcelo D'Saete fala de Cumbe, Eisner, Literatura e muito mais!. **Terra Zero**. Disponível em: <http://www.terrazero.com.br/2018/07/flip-marcelo-dsaete-cumbe/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

RAMOS, Ricardo. CUMBE | GRAPHIC NOVEL DE MARCELO D'SALETE É RELANÇADA PELA EDITORA VENETA. **Torre de Vigilância**. Disponível em: <https://www.torredevigilancia.com/cumbe-graphic-novel-de-marcelo-dsaete-e-relancada-pela-editora-veneta/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

SOBOTA, Guilherme. Marcelo D'Saete vence o prêmio Eisner, o Oscar dos quadrinhos. **Estadão**. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,marcelo-dsaete-vence-o-premio-eisner-o-oscar-dos-quadrinhos,70002409981>. Acesso em: 01 mar. 2020.

VERGUEIRO, Ricardo. Cumbe. **Sentimento de Leitor**. Disponível em: <https://sentimentodeleitor.com.br/resenhas/cumbe/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA

How labels affect gender perception in Cumbe¹⁶

Stephany Justine Ganga¹⁷

1 INTRODUCTION

The genres of comic books, until the middle of the turn of the last century, had not received many theoretical studies from the linguistic-discursive point of view (RAMOS, 2012). This postponement of new perspectives on this object of study can be credited, on the one hand, to a resistance on the part of teaching and academia and, on the other hand, to an imprecision on exactly where the comics would fit in the scope of the Letters - there is a portion research, for example, that fits them in the literary field.

It is important to note that this last approach started, according to Gonçalo Júnior (2004), in the 1940s in the United States, with the publication of Classics Illustrated and Classic Comics, and eight years later, also in Brazil, with Editora Brasil-América Ltd. (EBAL). Following the North American versions, it launched Wonderful Edition, which brought classics from the world literature, adapted in comics. Other publications, such as Álbum Gigante also by EBAL and Romance em Quadrinhos by Rio Gráfica e Editora, emerged with the same objective, bringing comics closer to literature, in order to reduce resistance from parents, schools and the Church in relation to comics.

According to Ramos and Figueira (2014), the approximation of the two fields is the result of an attempt to give comics a higher and more qualitative social status, when linked to literary value. It is also a consequence of the recent publication of this form of narrative in book format, occupying a circulation space dear to literature: bookshelves. Even with these points of contact, authors like Ramos (2012) tend to work the two fields, comic and literary, as distinct. It will also be the path adopted in this study.

The objective of this research is the analysis of instabilities in the perception of the genre of comic books produced in book format, using Cumbe, by Brazilian designer Marcelo D'Saete, as the object of the study. The analysis will be done through theoretical readings, in particular of the linguistic discursive scope, of authors who worked specifically on the issue of comics published in book format and analysis, both of the paratexts, located in the work, as

¹⁶ Received on 03/27/2021, approved version 04/27/2021.

¹⁷ LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/3398354592559198>. E-mail: stephanyjustine@gmail.com.

well as articles from newspapers and online portals. -line, investigating how the publication was referenced. We opted for the use of online newspapers and portals for the plurality of results that we could obtain, both from large media outlets, such as O Globo and O Estado de S. Paulo, as well as the view of the reading public through blogs and websites.

The study is justified by the importance of understanding the instability in the gender perception of comic books produced in book format, in addition to understanding how this instability can alter the perception and reception by the reader. The choice of Cumbe is justified because it is a comic book by a national author that had a lot of repercussions both inside and outside the country (which can be measured by the national and international awards that he won), composing, in our understanding, a relevant object for case study.

The Cumbe edition published by the publisher Veneta in 2018 will be used in the research. The theoretical basis is composed by García (2012) and Ramos and Figueira (2014), to work on the labels “graphic novel”, “graphic novel” and “graphic novel” used to comics published in book format, by Maingueneau (2009) and Bakhtin (2000) to address the issue of genres and labels used by him and by Genette (2009) to work with the paratexts.

2 THEORETICAL REASONING

We will take comics as a hypergender, a concept used by Maingueneau (2009) and, according to Ramos (2012, p. 20), “would aggregate different other genres, each with its own peculiarities”. In the case of comics, everyone would share common aspects, such as the tendency to be narrative, using their own codes (case of the balloon, onomatopoeia, pictures, among others). But they would comprise a range of autonomous genres and distinct from each other.

The question would be to identify which specific genre a particular production would dialogue with more closely. It is in this process that many find an inaccuracy when they are named - or labeled, a term coined by Maingueneau (2009). They would be concrete cases of the relative stability proposed by Bakhtin (2000) when defining the genres - for the Russian author, they would be types constructed from a relative stability.

Cumbe, by the Brazilian Marcelo D’Saete, would be, for this approach, a work belonging to the hypergender comics and that brings instabilities in its lettering. The award-winning work, through four stories starring slaves, portrays the struggle of blacks against violence and their search for freedom, during slavery in colonial Brazil.

Initially published via the São Paulo State Cultural Action Program (ProAC) in 2013, it has also received editions in Portugal (where it was selected for reading in schools), the United States, France, Italy and Austria, in addition to being the winner of the Eisner Prize, the principal in the area of comics in the United States, in 2018 (category Best American Edition of Foreign Material) and having been nominated for the Rudolph Dirks Award 2017, in Germany, and Marcelo D'Saete having won the HQMIX 2018 (categories National Designer, International Highlight, National Screenwriter and Angola Janga, another work by the designer, won the National Special Edition category).

In a first approach, it is a comic book published in the book support. In your catalog card, the first labeling is “Brazilian literature”, followed by “graphic novel”. However, we can also analyze the work for its historical aspect. Prior to production, the author conducted research on slavery in colonial Brazil and the forms of black existence and resistance in that period. More information about the research and production process is found in the glossary and in a text entitled “About stories and uprisings”, at the end of the book. Both the glossary and the text, according to Genette (2009), are considered paratexts.

According to Brito (2018), Genette classifies textual relations in 5 types: Intertextuality; Hypertextuality; Metatextuality; Architextuality and Paratextuality. Our interest in this work is the last type, which deals with the relationship between the main text and the other texts that accompany or surround it and that “this would be the least explicit and most distant relationship from the text as a whole” (BRITO, 2018, p. 63), in order to generate doubts as to whether or not they should be considered as part of the work.

With regard to paratexts, Genette (2009) states that they can be classified into two types, depending on their location: peritext and epitext. The first is the elements that are located within the work, such as title, cover, prefaces, catalog card, etc. In the second category are elements found outside the work, that is, that are not attached with the volume. These are divided into public epitexes, which are those addressed to the reader, usually through an intermediary, such as interviews, releases, and public responses; and private epitexts, which are initially addressed to a confidant, such as correspondence and intimate diaries. In this research, we work with public peritexts and epitexts.

Still according to Genette (2009, p. 9), paratexts are all elements that accompany the main text, in order to provide complementary information about the work, discuss it or even criticize it. Paratextual information seeks to link the work to different fields, with particular attention to the literary (“Brazilian literature”; “graphic novel”). But it is a comic book story

and, consequently, at least in theory, linked to this specific field of the arts. This plural prism presented around the work is more obscure than it helps the reader in the process of generic perception of the work presented.

García (2012, p. 253) contextualizes the emergence of the so-called “graphic novels” by using a quote from Clowes, who said that the comic book format became outdated and, therefore, comic artists began to look for other formats for their stories.

Eddie Campbell (apud GARCÍA, 2012) states that the term “graphic novel” (translated as “graphic novel” by García) is not the most appropriate, but it is the most convenient, with the proviso that we cannot analyze it as a hybrid of the concepts “soap opera” and “graphic” in their original meanings. For Campbell, “graphic novel” is more of a movement than a form. As for Ramos and Figueira (2014), graphic novel is a label used editorially, in certain comic books, to give them a socially and commercially accepted value.

Regarding the definition of genre, Maingueneau (2009, p. 229) states that Discourse Analysis and its pragmatic currents focus on the genre, as “the works must be referred not only to themes and mentalities, but also to the emergence of specific communication modalities”. Therefore, if “every statement constitutes a certain type of action on the world [...], literary genres could not be considered” procedures “that the author would use as he wished” (MAINGUENEAU, 2009, p. 229).

For the author, genres are divided into “conversational genres” and “instituted genres”. The first ones do not have a close connection with institutional places, their themes and composition are unstable. We will deal with this study of the second, which brings together genres that can be called “routine genres”, in which it does not matter who invented them, nor when and where, and “authorial genres”, whose “authorial character manifests itself through a paratextual indication, in the title or subtitle” (MAINGUENEAU, 2009, p. 238).

The instituted genres are divided into four types. Type 1 are the genres that do not admit or admit only a few variations. Type 2 types are characterized by the interlocutors producing individualized texts, but which are subject to certain rules. Type 3s do not have “a special set design”, but they encourage innovation. We are interested in type 4, because they have a problematic relationship with the notion of “gender” and because they use certain terms that significantly affect the reception of the object.

Maingueneau (2009, p. 242) states that the type 4 instituted genres are those “whose generic scene is characterized by a constitutive incompleteness”, therefore it is up to the “fully individualized author [...] to self-categorize his verbal production”. The author adds by stating

that the names contribute decisively to determining the way in which the title should be received, so that the name used cannot simply be replaced by another, as it is not a simple label.

3 METHODOLOGIES

For the analysis of newspaper articles and online portals on the work Cumbe, we chose to select and collect the material on the same day (03/01/2020), since, as it is a virtual environment, it is not possible to there were guarantees that collection on separate days would provide the same result.

For the survey, only the title of the work was used, followed by the name of the author “Cumbe Marcelo D'Saete”, so that the research was not influenced by labels such as “HQs”, “Comics”, “Literature” and / or “Book”. As the work was published in other countries, we focused on the Brazilian pages, analyzing the labeling in Brazil, without the influence of external labels.

We chose to do the search through Google, as it is the most used search engine for conducting research on the internet, as well as because it works as a kind of reflection on the work's labeling, since it brings a plurality of results, both large media outlets such as lesser-known websites and blogs.

After typing “Cumbe Marcelo D’Saete” on Google, we opened new tabs for each result that appeared on the screen. We looked at page 6 of the search engine, since, after this page, the results that predominated were book sales sites. Each Google page brought 10 results, so 60 were obtained.

Of this total, 36 were related to the work; 23 had no relation, that is, the work was only cited, and in 1 it was not possible to evaluate it, since the page was not on the air. Of the 36 results that were related to Cumbe, after a slightly more detailed analysis of the content, we were left with 20 valid results, thus forming the corpus of this research.

3.1 Description of the data

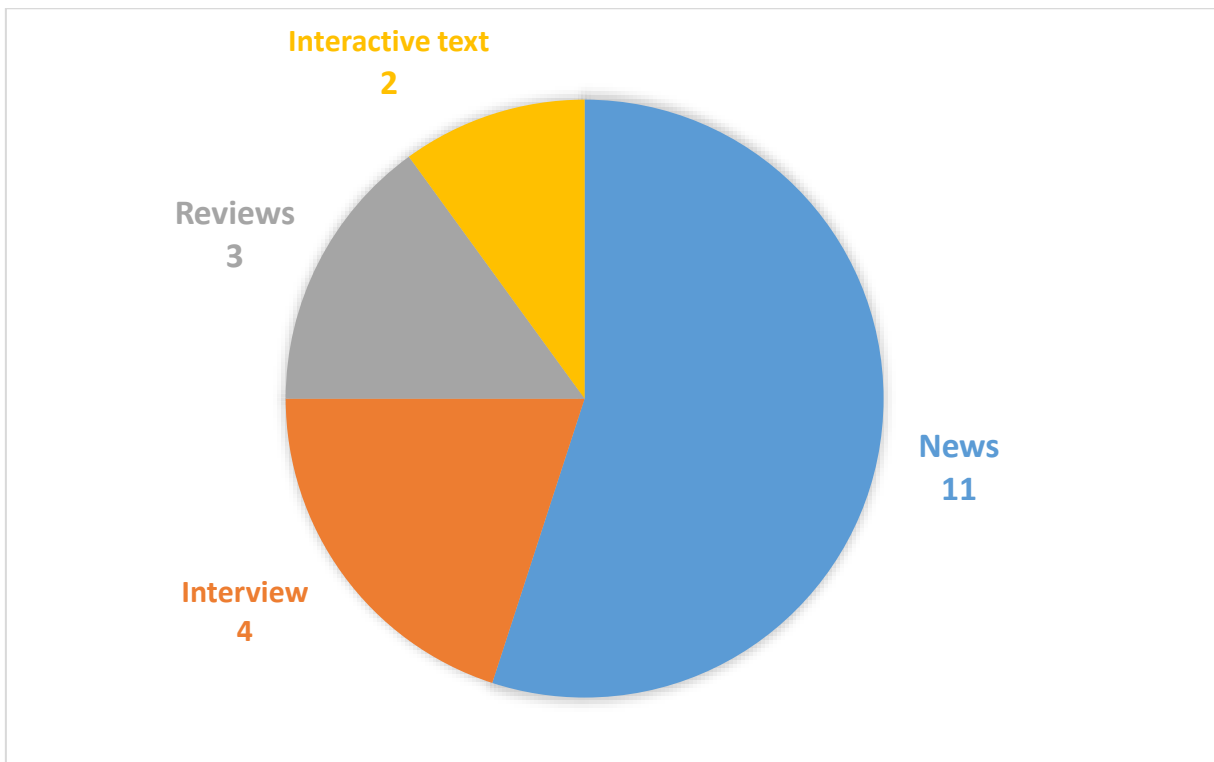
The analysis will be divided into 5 topics: place of publication of the article; type of text; year of publication; label of the work (that is, labeling used in the title, thin line and on the hat); and label of the work in the body of the text. We chose to separate the last two

categories, in order to understand more clearly the instabilities in the labeling of the work, since, in the same text, Cumbe received more than one labeling.

In the first category, we were able to assess that 12 were from news sites; 6 that were called “Others” (such as literary and cultural sites in general) and 2 blogs.

Regarding the types of texts (Graph 1), 11 are news; 4 interviews; 3 reviews; and 2 informational texts. We believe that the news appeared in greater numbers because it was predominantly the nominations and awards that the work won. The interviews appear in second place, due to the greater visibility of Marcelo D’Saete having been nominated for the awards. Even with the indications and awards, only 3 results were reviews of the work and 2 informative texts, that is, only synopses.

Graph 1 - Textile typologies.



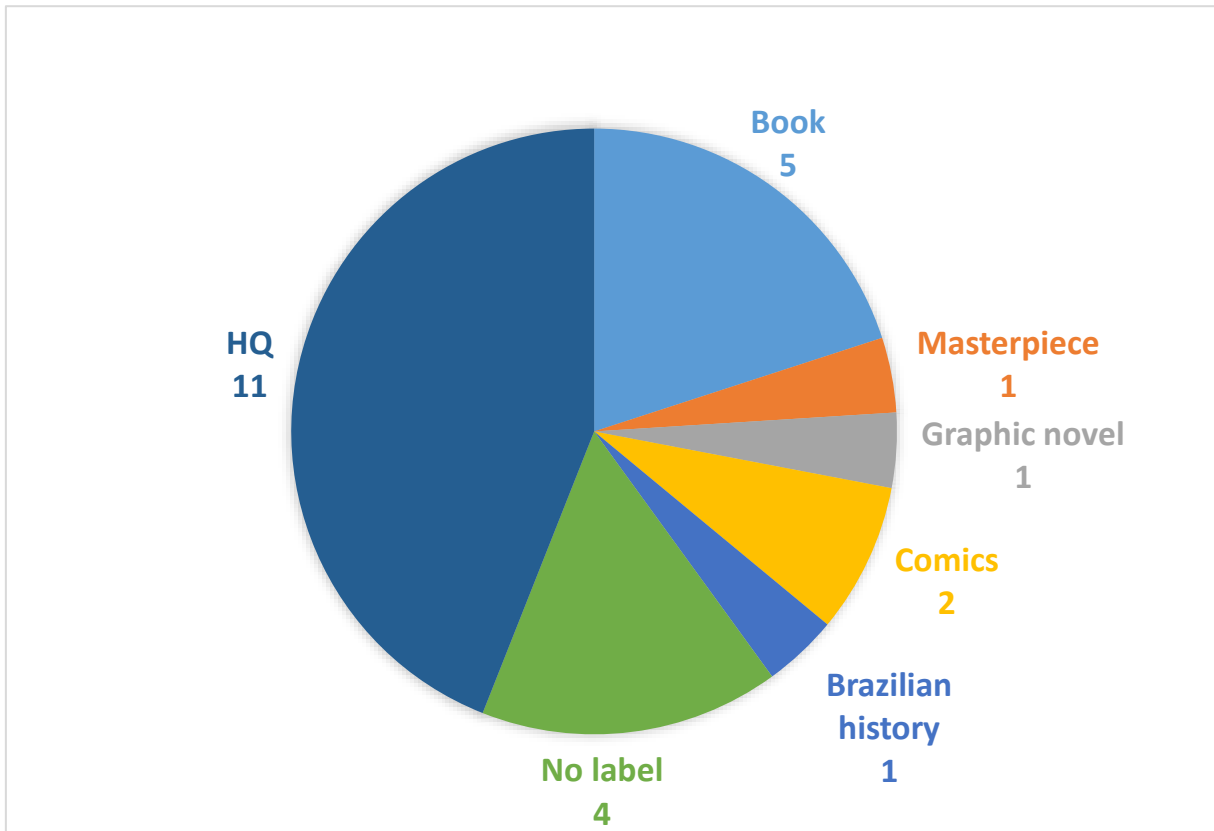
Source: Elaborated by Stephany Justine Ganga (2021).

The third category is the year of publication of the texts. Including 16 that are from 2018, when Cumbe won the Eisner award in the category Best American Edition of Foreign Material; 2 are from 2014, the year of publication of the work by the publisher Veneta; 1 is from 2015, and 1 from 2019, both of which are reviews.

The fourth category is the labeling of the work (Graph 2). The denominations that appeared in the title, in the thin line (small line of text used just below or on the title to highlight

the main information of the article, acting as a subtitle) were considered and there was a case of a hat (one or two words used identify the subject of the article, being used over the title of the text). In the 20 valid results, 11 were labeled as HQ; 5 as a book; 4 unlabeled, just Cumbe; 2 as comics; 1 as Graphic novel, and 1 as Brazilian history (the only case of a hat).

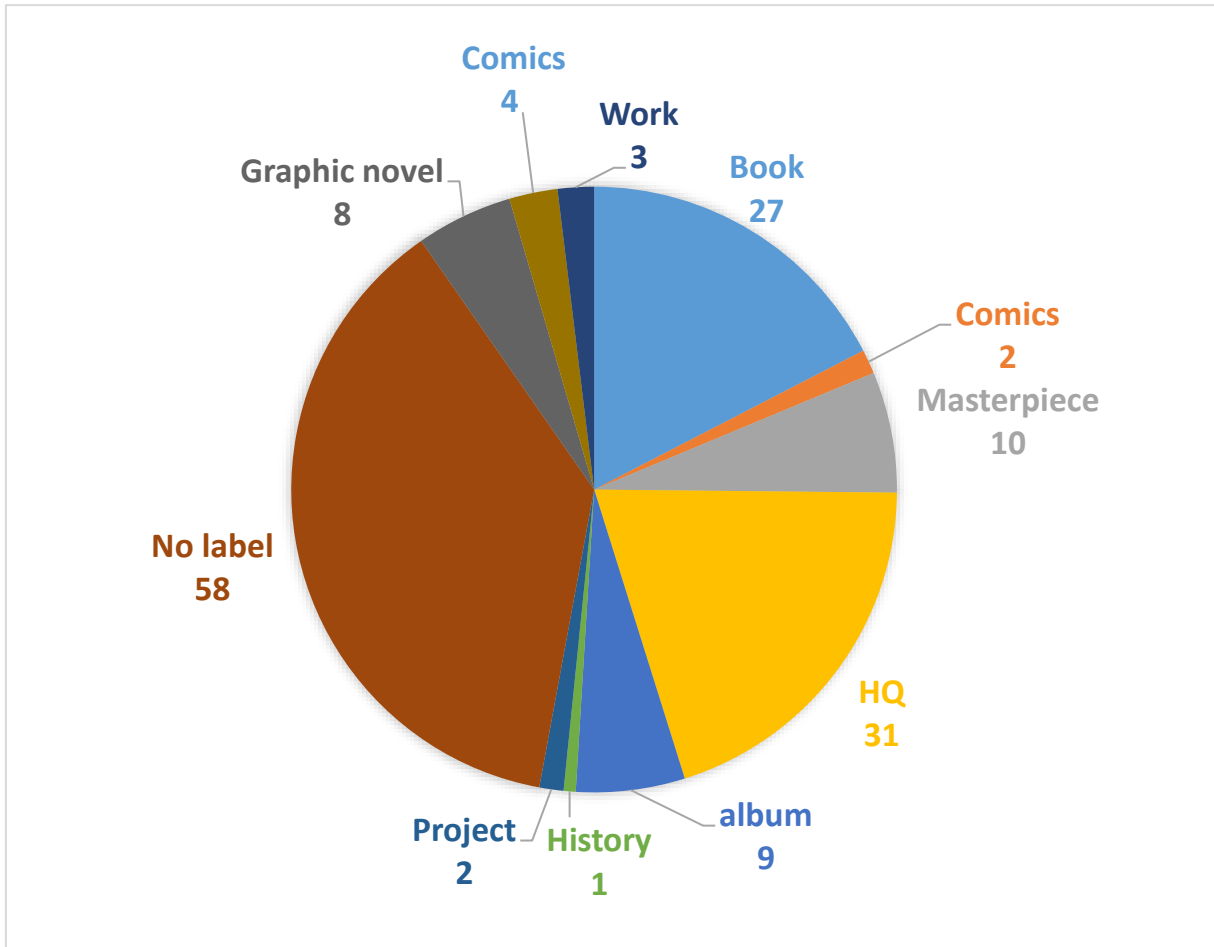
Graph 2 - Labeling of the work.



Source: Elaborated by Stephany Justine Ganga (2021).

In the last category, labeling of the work in the body of the text (Graph 3), the results indicate that in 58 times, the work received no labeling, that is, only the title Cumbe was used, 31 times it was labeled as HQ, 27 as Book, 10 as Work, 9 as Album, 8 as Graphic Novel, 4 as Comic, 3 as Work, 2 as Project, 2 as Comics, and 1 as History.

Graph 3 - Lettering of the work in the body of the text.



Source: Elaborated by Stephany Justine Ganga (2021).

In relation to the greater amount being without labeling in the body of the text, we believe it is because there was an initial labeling (title, thin line and / or at the beginning of the text) and, therefore, there would be no need to continue repeating the same labeling; in addition, two of the sites are specialized in comic books (Universo HQ and Terra Zero), so there would be no need for labeling because the reading public is already familiar with this form of production.

The second result was expected because it is natural to initially identify the work as HQ, as a comic (7th result), and / or as Comic Stories (10th result). We believe that there were only two appearances of "Comic Stories", because the term "HQ" is already consolidated and also because it is the virtual environment associated with the audience to which the texts are directed, that is, the audience reading stories in comics is already used and uses the terms "HQ" and "Comics" more frequently.

"Book" appears in the third position, indicating a confusion between gender and

support. Then, we have “Obra”, indicating an appreciation and importance of the comic, whether in relation to the award and nominations, or saying that Cumbe is mandatory reading. The labeling “Album”, which appears in the fifth position, turned out to be an unexpected result, as this labeling is normally used for European works. “Graphic Novel” is used in 5 results, being repeated 8 times, one of them in the title. In 3 results, the term appears associated with the Eisner nomination and award. In the other 2 results it appears as an editorial label, in order to assign a social and editorial value to the work.

In eighth place, we have “Work”, a term used to give more weight to the work, indicating the importance of its relationship with our history. The use of the label “Project”, on the other hand, suggests a broader work that is still being developed. According to the magazine O Grito, Cumbe is part of a “bolder project, with a historical understanding of this period in Brazil”. In the case of “História”, the term is used to synthesize Cumbe, as if it were a unique story that “portrays the resistance of blacks in colonial Brazil against the violence of slavery” (HQ UNIVERSO, 2018).

4 RESULTS OBTAINED

Based on the analysis of the peritexts, more specifically the catalog card, and the public epitexts, that is, the articles, we could observe that the initial hypothesis was confirmed. We start from the premise that there is a plurality of labels, used to name the object of study in question, that is, the “Comic Stories” published in book format, and the hypothesis is that this diversity was a consequence of an imprecision in the way the genre is perceived by the public.

The publisher Veneta places as first labels “Brazilian literature” and “graphic novel” possibly to bring the work closer to requirements and status required by schools and government programs, such as the PNLD. However, we realize that, for the public, the work is much more received as a comic book, that is, as the hypergenre to which it belongs.

Analyzing the data obtained in the year of publication of the articles, we observed that most of the results point to articles published in 2018, the year in which Cumbe won the Eisner Award and also the HQMIX. Therefore, we can conclude that the numbers indicate that the interest in the work was motivated by the awards received.

Observing the cases in which there is no labeling, in most of them, Cumbe had already received a previous name, that is, there was no need to repeat the labeling previously informed. Another piece of information highlighted at this point in the analysis was that two of

the sites that did not label the work are specialized in comic books, so the hypergender of the work and the assigned labeling were implicit.

In the last two categories of analysis, we observed that the label “Book” appears prominently, indicating a confusion between gender and support, which demonstrates that there is an inaccuracy in the way gender is perceived by the public.

The data from the analysis of the articles indicate, therefore, some familiarity of Cumbe with the hyper-genre Comics, but we cannot disregard the catalog with the labels “Brazilian literature” and “history of Brazil”, since the latter appeared, including, like a hat in one of the materials and that the work was selected by the PNLD, in 2018. Since support influences the purchase of collections by schools, the confusion between gender and support can be intensified with the selection of Cumbe for the program.

Another relevant point in the observation of the obtained data are the vague terms, such as: "Work", "Work", "Project" and "History" (Graphs 2 and 3), used to label Cumbe. These terms signal a lack of familiarity about the content since they could be used to refer to a diversity of other content unrelated to Cumbe itself and not to the hyper-genre Comics.

From the information obtained, which constitutes the corpus of this study, we are able to understand how different perceptions of gender can alter the identification and reception of a comic book work produced in book format. Although the publisher Veneta brings Cumbe closer to the literary field by using “Brazilian literature” as the first classification in the catalog, the public receives and identifies the work more often as HQ, that is, as the hypergender to which it belongs. However, we cannot ignore the relevance of the results without labeling and the use of more vague terms, which demonstrate a confusion and, also, a lack of knowledge about the content at the time of labeling the work.

REFERENCES

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-325.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BRITO, Karoline Caetano. **Paratextos Ficcionalis em Watchmen**. 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, SP. Disponível em:

[https://www.academia.edu/40870820/Paratextos Ficcionalis em Watchmen](https://www.academia.edu/40870820/Paratextos_Ficcionais_em_Watchmen). Acesso em: 09 jun. 2020.

D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. 2. ed. São Paulo: Veneta, 2018.

GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2012.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GONÇALO JUNIOR. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura dos quadrinhos, 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução: Adair Sobral. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RAMOS, Paulo; FIGUEIRA, Diego. Graphic novel, narrativa gráfica ou romance gráfico? Terminologias distintas para um mesmo rótulo. *In*: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro; FIGUEIRA, Diego (Orgs.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. 1. ed. São Paulo: Criativo, 2014. p. 185-207.

BATTAGLIA, Rafael. **5 HQs para conhecer Marcelo d'Saete, brasileiro vencedor do prêmio Eisner**. Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/5-hqs-para-conhecer-marcelo-dsaete-brasileiro-vencedor-do-premio-eisner/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CANONICI, Isis. Cumbe, de Marcelo D'Saete, ganha o prêmio Eisner na categoria Melhor edição Americana de material estrangeiro. **Epílogo**. Disponível em: <https://epilogo.art.br/cumbe-marcelo-dsaete-hq/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

CODESPOTI, Sérgio. Cumbe, de Marcelo D'Saete, ganhou o Prêmio Eisner. **Universo HQ**. Disponível em: <http://www.universohq.com/noticias/cumbe-de-marcelo-dsaete-ganhou-o-premio-eisner/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

D'ANGELO, Helô. Brasileiro é indicado ao 'Oscar dos quadrinhos' com HQ sobre escravidão. **Revista Cult**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/cumbe-marcelo-dsaete-premio-eisner/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

DINIZ, Cláudio. Cumbe de Marcelo D'Saete: um Eisner e muitos significados. **Sobre Livros**. Disponível em: <https://www.sobrelivros.com.br/cumbe-de-marcelo-dsaete-um-eisner-e-muitos-significados/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

DOMENICI, Thiago. “Tentei me aproximar da extrema brutalidade com os negros”. **Publica**. Disponível em: <https://apublica.org/2018/08/tentei-me-aproximar-da-extrema-brutalidade-com-os-negros/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

EM HQs premiadas, artista Marcelo D'Saete aborda a escravidão no Brasil. **GaúchaZH**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2018/11/em-hqs-premiadas-artista-marcelo-d-saete-aborda-a-escravidao-no-brasil-cjoionun0e0k01pib4yr41a4.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

FLORO, Paulo. Crítica – HQ: Cumbe, de Marcelo D'Saete. **Revista O Grito**. Disponível em: <https://www.revistaogrito.com/critica-hq-cumbe-de-marcelo-dsaete/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

FOLHAPRESS. HQ do brasileiro Marcelo D'Saete vence o Eisner, maior prêmio de quadrinhos do mundo. **Folha de Pernambuco**. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/DIVERSAO/2330-HQ-BRASILEIRO-MARCELO-SALETE-VENCE-EISNER-MAIOR-PREMIO-QUADRINHOS-MUNDO/75650/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GIANNINI, Alessandro. HQ de Marcelo D'Saete sobre escravidão é indicada ao Eisner. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/hq-de-marcelo-dsaete-sobre-escravidao-indicada-ao-eisner-22634208>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GIANNINI, Alessandro. HQ do brasileiro Marcelo D'Saete sobre escravidão ganha o Eisner. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/hq-do-brasileiro-marcelo-dsaete-sobre-escravidao-ganha-eisner-22907815>. Acesso em: 01 mar. 2020.

GUIMARÃES, Fabiane. HQ 'Cumbe', de Marcelo D'Saete, recebe prêmio Eisner. **Metro Brasília**. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2018/07/30/hq-cumbe-de-marcelo-dsaete-recebe-premio-eisner.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

HQ do brasileiro Marcelo D'Saete vence o Eisner, maior prêmio de quadrinhos do mundo. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/quadrinista-marcelo-dsaete-vence-o-eisner-maior-premio-de-quadrinhos-do-mundo.shtml>. Acesso em: 01 mar. 2020.

IACONIS, Heloísa. Marcelo D'Saete concorre ao Oscar dos quadrinhos. **Itaú Cultural**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/marcelo-d-saete-concorre-ao-oscar-dos-quadrinhos>. Acesso em: 01 mar. 2020.

JESUS, Matheus Gato de. CUMBE: SOL, FOGO E FORÇA. **O Menelick 2º ato**. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/sol-fogo-e-forca>. Acesso em: 01 mar. 2020.

LAPA, Isabela. Cumbe, de Marcelo d'Saete. **Universo dos Leitores**. Disponível em: <http://www.universodosleitores.com/2015/07/cumbe-de-marcelo-dsaete.html>. Acesso em: 01 mar. 2020.

MORCELLI, Felipe. [#FLIP] Em exclusiva, Marcelo D'Saete fala de Cumbe, Eisner, Literatura e muito mais! **Terra Zero**. Disponível em: <http://www.terrazero.com.br/2018/07/flip-marcelo-dsaete-cumbe/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

RAMOS, Ricardo. CUMBE | GRAPHIC NOVEL DE MARCELO D'SALETE É RELANÇADA PELA EDITORA VENETA. **Torre de Vigilância**. Disponível em: <https://www.torredevigilancia.com/cumbe-graphic-novel-de-marcelo-dsaete-e-relancada-pela-editora-veneta/>. Acesso em: 01 mar. 2020.

SOBOTA, Guilherme. Marcelo D'Saete vence o prêmio Eisner, o Oscar dos quadrinhos. **Estadão**. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,marcelo-dsaete-vence-o-premio-eisner-o-oscar-dos-quadrinhos,70002409981>. Acesso em: 01 mar. 2020.

VERGUEIRO, Ricardo. Cumbe. **Sentimento de Leitor**. Disponível em: <https://sentimentodeleitor.com.br/resenhas/cumbe/>. Acesso em: 01 mar. 2020.